

SIMPÓSIO AT201

CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS SOBRE A LEITURA E SUA APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

d'Albertas, Christina
IPUSP
Chrisdalbertas@gmail.com

Resumo:

Este poster visa mostrar a pesquisa que teve como objetivo conhecer as concepções de professoras alfabetizadoras de uma escola da rede do ensino público no interior de São Paulo sobre a leitura, em seu uso, aprendizagem e ensino. Para alcançar este objetivo foi realizada uma entrevista com estas professoras, utilizando a metodologia do grupo focal. As análises dos resultados e as discussões fundamentaram-se em duas principais concepções teóricas que permeiam as questões relativas à aprendizagem da leitura e da escrita: a abordagem da psicologia cognitiva e a apoiada na psicogênese da língua escrita. Com isso, buscou-se verificar expressões e aproximações das concepções dessas professoras a estes referenciais teóricos, de maneira consciente ou não. Os dados obtidos mostraram que as professoras têm como maior fonte de aprendizagem, formação profissional e sustento de suas ações docentes, a própria prática da sala de aula e que consideram o ensino das letras, de seus sons e das sílabas muito importantes neste processo.

Palavras-chave: Aprendizagem, leitura, escrita, ensino, alfabetização.

Abstract: This work sought to know the beliefs of literacy teachers of a school in the São Paulo's education public system. To achieve this goal an interview with these teachers was conducted using the methodology of the focus group. The discussions and the analyzes of the results were based on two main theoretical concepts that permeate the issues related to the learning process of reading and writing: the cognitive psychology's approach and the approach supported by the psychogenesis of written language. Thus, I tried to determine which of these approaches were closest to the beliefs of these

teachers, consciously or not. The data showed that the main source of teachers' learning, training and support of their teaching practice is their own classroom activities, and considered the teaching of alphabetic characters, their sounds and syllables is very important in this process.

Keywords: Learning, reading, writing, teaching, literacy

Introdução

Este trabalho parte da ideia de que conhecer os alunos, os conteúdos a serem ensinados e as didáticas para ensiná-los não bastam para que o professor possa criar boa situação de aprendizagem para estes, que seja contextualizada e significativa. Há um elemento primordial que diz respeito às concepções teóricas que esse professor tem sobre cada um dos conceitos: sujeito aprendiz, relação ensino-aprendizagem, conteúdos a ensinar – no caso deste trabalho, a língua escrita. Isso exige estudo teórico e constante reflexão a respeito de sua prática, elementos que necessitam caminhar juntos, de maneira inseparável.

Um dos grandes temas da escolarização no Brasil é, sem dúvida, a alfabetização. Tornei-me especialista em alfabetização pelo Instituto Superior da Escola Vera Cruz – ISEVEC/ São Paulo (2006), quando pude aprofundar meus estudos sobre a concepção construtivista do processo de alfabetização. Durante a pós-graduação (2014) realizada no IPUSP, na área de psicologia da aprendizagem, pude entrar em contato com a abordagem cognitivista deste mesmo processo. Essas duas importantes perspectivas teóricas se destacam enquanto referenciais acadêmicos para a pesquisa e para a compreensão do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, bem como influenciam o desenvolvimento das estratégias para a prática da alfabetização tanto aqui no Brasil, como em outros países.

Em minha pesquisa, a ser apresentada por meio de um poster, busquei reconhecer as concepções que alimentam as práticas de professores alfabetizadores quanto ao processo de alfabetização e em particular quanto à aprendizagem da leitura. Esta investigação retomou a consideração de que o

aprofundamento teórico deve sustentar a prática, sendo, assim, muito importante na formação do professor, uma vez que se supõe que por trás de qualquer prática há concepções teóricas e crenças, mesmo que inconscientes.

1. Objetivos da pesquisa

Verificar quais são as concepções de professoras alfabetizadoras de uma escola da rede pública no interior de São Paulo, sobre a leitura, em seu uso, aprendizagem e ensino.

2. Concepções teóricas que fundamentaram as análises e as discussões

2.1 Concepção apoiada na psicogênese:

Concepção de escrita:

- É uma representação da linguagem (Ferreiro e Teberosky, 1987).

Concepção de leitura:

- É uma busca de significados que antecede a leitura convencional (Ferreiro e Teberosky, 1987).
- A língua não é um código e, portanto ler não é decifrar (Ferreiro e Teberosky, 1987).
- É um jogo na utilização das estratégias de inferência, seleção, antecipação e verificação (Solé, 1998).
- A decodificação só se torna eficaz se a correspondência som letra for combinada com informações provenientes de um contexto e de um texto, na busca de um significado e não em palavras isoladas. (Solé, 1998).

Aprender a ler e a escrever:

- É uma construção feita pela criança em contato com a cultura letrada (Ferreiro e Teberosky, 1987).
- É compreender o funcionamento do sistema de relações entre os elementos da língua (Ferreiro e Teberosky, 1987).
- Um único processo: a lectoescritura (Montoalegre, 2013).

2.2 Concepção apoiada na psicologia cognitiva:

Concepção de escrita:

- Transcrição da linguagem oral para a escrita.

Concepção de leitura:

- Decodificação (Morais, 1994)
- Importância do reconhecimento das palavras, considerado como pré-requisito (Gomberg, 2003).
- Significado vem depois da decodificação. Ler serve para compreender (Morais, 1994).
- Ter consciência explícita das estruturas linguísticas (Gomberg, 2003)

Aprender a ler e a escrever:

- Dois níveis de aprendizagem: uma aprendizagem que se dá de forma autônoma e inconsciente pela criança, uma vez em contato com a linguagem escrita e outra, resultado do ensino, pela escola principalmente, da relação grafema fonema.
- Importância do conhecimento metafonológico. (Gomberg, 2003)
- A leitura e a escrita são dois processos que têm aspectos em comum e especificidades.

Em relação à abordagem fundamentada na teoria construtivista de Emília Ferreiro e de Ana Teberosky, teoria essa, primeiramente apresentada no livro *Psicogênese da língua escrita* (1985), é necessário dizer que as duas autoras desenvolveram e desenvolvem muitas pesquisas e possuem uma vasta obra literária sobre temas ligados à alfabetização. No entanto, optei pelo livro que fundou esse pensamento e que foi a base para grandes mudanças na política pública de alfabetização no Brasil. O mesmo se pode dizer sobre as pesquisas da psicologia cognitiva que são também muito vastas e diversas, da qual serão apresentados apenas alguns segmentos.

3. Metodologia

A entrevista foi realizada por meio de grupo focal, que é uma metodologia que visa identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias a respeito de um determinado assunto. (Gatti, 2005). Para tanto foi criado um roteiro flexível de perguntas relativo às práticas de ensino e uso da leitura e da escrita dentro e fora da sala de aula.

A entrevista ocorreu após um contato inicial com a escola para seleção de professores e coleta de dados de formação e atuação destas. A entrevista foi gravada e transcrita integralmente para a análise de resultados.

4. Discussão de resultados

Não houve ao longo da entrevista nenhum tipo de explicitação teórica, propriamente dita, por parte das entrevistadas, que pusessem em evidência suas concepções teóricas específicas. Pelo contrário entendem a escolha de teorizações como reduções das possibilidades da atuação docente.

Tematizações teóricas, no sentido do aprofundamento de suas práticas, não parece ser pauta de suas discussões quando refletem sobre o que fazem em sala de aula. Pautam-se nos resultados do fazer cotidiano. Aplicam e experimentam atividades, que aprendem umas com as outras ou como fruto dos cursos que frequentaram.

As professoras mostraram que concebem como práticas positivas as que caminham no sentido de levar seus alunos a aprendizagens significativas e efetivamente formadoras, num sentido de inclusão social e ampliação de suas capacidades como ser humano.

As professoras falaram na intenção de tornar seus alunos mais criativos, mais inseridos no mundo, despertados para o mundo, com seus olhares ampliados, conhecedores de direitos, com maior possibilidade de viver a igualdade.

As professoras podem ser consideradas mais próximas da visão trazida pela psicogênese quando falam da aprendizagem da leitura e da escrita, mas também valorizam o trabalho com os aspectos grafofônicos da escrita, ao se referirem ao modo com trabalham diante das dificuldades de aprendizagem.

O aspecto relativo ao momento da compreensão da leitura, no processo de aprendizagem, as distancia da perspectiva fônica que, a coloca como decorrência e não como essência do processo.

O grupo considerou que a postura do professor frente à atividade de ler é um fator que pode influenciar a relação dos alunos com essa prática.

Afirmaram que para que o professor alcance seus objetivos é preciso que utilize todos os recursos de que dispõe. Assim, utilizam em seu trabalho, tudo o que sabem, atividades, materiais, métodos e teorias, mas que consideram no entanto, que o que lhes dá realmente formação é a prática em si e que o importante é seguir com o que tem trazido bons resultados.

Afirmam textualmente que escolher uma tendência, um modo de fazer, ou uma teoria é limitar-se.

As professoras citam métodos de alfabetização, referem-se ao fônico e ao silábico explicitamente e exemplificam suas utilizações em seus cotidianos. Reforçam a ideia de que é fundamental em um determinado momento do processo de alfabetização o ensino das famílias silábicas e das letras chamando a atenção para os sons e para as partes das palavras, ou seja, trabalhar com atividades que levem a aprendizagem da decodificação e das sílabas.

Estas últimas afirmações as aproximam do aspecto da abordagem cognitiva, contida na visão de Morais (1994).

Nesse sentido, as distanciam da abordagem psicogenética, que apesar de reconhecer essa característica essencial do sistema alfabético, não prevê práticas desta forma. Para esta concepção, é a busca de sentido que fará com que os aprendizes percebam a relação grafofônica e não por meio de um ensino explícito dela.

Ao mencionar as habilidades/competências que o aprendiz deve desenvolver para aprender a ler, segundo o relato das professoras, pode-se listar os seguintes verbos: transferir conteúdos – por exemplo, do som de uma

sílaba de uma palavra para outra palavra – observar, olhar muito, memorizar, associar, imitar, decodificar e segmentar as palavras em suas partes e reagrupar.

Fazem menção ao respeito e consideração, ao planejar suas atividades, às fases da construção do conhecimento sobre o sistema alfabético que constituem parte da teoria psicogenética da escrita e da leitura de Ferreiro e Teberosky, também presentes na perspectiva cognitiva, mas não abordadas neste trabalho.

A antecipação do significado da leitura, bem como o reconhecimento da possibilidade e da importância da escrita espontânea durante a aprendizagem da escrita e da leitura são aspectos ressaltados positivamente pelas professoras e também pela visão construtivista desse processo. A visão cognitivista, por sua vez considera a antecipação uma simples adivinhação, se não for acompanhada da aprendizagem das relações grafofônicas e, portanto como algo que contribui apenas no início da aprendizagem ou depois que o leitor já automatizou o processo de decodificação, uma vez que sua ênfase é na decodificação e no reconhecimento das palavras no processo inicial de alfabetização.

Conclusões

Primeiramente é importante afirmar que a experiência vivida pelas professoras foi considerada positiva e proveitosa, uma vez que a participação ativa delas fazia parte das exigências da metodologia. Ao fazer seus depoimentos as professoras se voltaram para suas práticas, concepções e formações. Além disso, foi um momento em que as entrevistadas tiveram a oportunidade de ouvir suas colegas, sendo esta mais uma possibilidade de reflexão sobre suas próprias práticas e sobre suas ideias sobre o assunto.

Pode-se depreender o que pensam e no que acreditam essas professoras sobre a aquisição da escrita e da leitura, uma vez que estas duas habilidades foram tratadas de modo inseparável pelas professoras e pela pesquisadora também.

Os dados permitiram inferir as concepções que as professoras possuem sobre o que consideram importante em suas formações e sobre os conhecimentos que consideram importantes ter, para a atuação enquanto professoras alfabetizadoras.

Ficou claro que para estas professoras fazer o melhor em termos de alfabetização é por em ação todos seus saberes práticos e teóricos, independentemente de suas fundamentações teóricas, adquiridos em cursos, no dia a dia da sala de aula e por meio de suas vivências pessoais.

Em relação às afirmações que as entrevistadas fizeram sobre o que consideram realmente importante em suas formações profissionais, diminuindo a importância da escolha teórica, considerou-se importante para este trabalho, reforçar a visão de que a prática seja reflexiva, para que de fato o profissional possa avançar em suas crenças, sua conscientização e, portanto, em sua prática. Elemento que parece faltar à formação profissional dessas professoras. Prática reflexiva no sentido de poder ser revista, avaliada e reavaliada.

Fazem uso de recursos, estratégias e atividades, provenientes de formações de cunho mais construtivista, outras de cunho apoiado nos métodos fônicos e também, no que se pode identificar como originários de um fazer tradicional.

É de fato uma prática sem referência explícita e intencional a pressupostos teóricos, na qual o que está realmente em jogo são os resultados, considerados por elas como bons. Nesse aspecto cabe a questão no sentido de verificar o que exatamente consideram como bons resultados. Ou seja, que leitores e escritores têm como ideal e que estão realmente formando?

Aponta para a necessidade da reformulação das formações dos professores que muitas vezes são programas que trazem prontos o como, o que e o quando se deve fazer, sem verdadeiramente escutar a demanda dos professores. Assim, por exemplo, ao se propor atividades para serem executadas em sala de aula, seria importante fazê-lo de modo a fazer surgir no

professor a necessidade de saber o porquê de ela ser do modo que é. Questão que levará inevitavelmente à fundamentação teórica.

Referências

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogêneses da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1987.

GOMBERT, J. E. **Atividades Metalinguística e Aprendizagem da leitura**, in Maluf, M.R. (org.) **Metalinguística e Aquisição da Escrita** (1ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, (2003).

MAREC-BRETON, N.; GOMBERT, J. E. A dimensão morfológica nos principais modelos de aprendizagem da leitura. In: MALUF, M. R. (org.) **Psicologia educacional – questões contemporâneas**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

MONTOALEGRE, Rosalía; Forero, Luz Adriana (2013). **Desarrollo de la lectoescritura: adquisición y dominio**. ACTA COLOMBIANA DE PSICOLOGÍA.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

STERNBERG, R.J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.